

EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA
DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE
SIGMUND FREUD

VOLUME V

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

F942o Freud, Sigmund, 1856-1939.
2.ed. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard
brasileira / Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alix Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. — 2.ed. — Rio de Janeiro: Imago, 1987.
24vs.

Tradução de: The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud.

Apêndice.
Bibliografia.

1. Psicanálise. I. Strachey, James. II. Freud, Anna, 1895- III. Título.
86-1114

CDD — 150.1952
CDU — 159.904.26FREUD

0,90

EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA
DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE

SIGMUND FREUD

Com Comentários e Notas de

JAMES STRACHEY

Em Colaboração com

ANNA FREUD

Assistidos por

ALIX STRACHEY e ALAN TYSON

VOLUME V

(1900-1901)

A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

(SEGUNDA PARTE)

E

SOBRE OS SONHOS

Direção de

JAYME SALOMÃO

2.^a EDIÇÃO

Totalmente Revisada pela Dra. VERA RIBEIRO



**BIBLIOTECA
DO IEPP**

IMAGO EDITORA LTDA.
Rio de Janeiro

O INCONSCIENTE E A CONSCIÊNCIA — REALIDADE

Numa consideração mais detida, percebe-se que aquilo que o debate psicológico das seções precedentes nos leva a presumir não é a existência de dois sistemas próximos da extremidade motora do aparelho, mas a existência de dois tipos de *processos de excitação* ou *modos de sua descarga*. Para nós, dá no mesmo, pois temos de estar sempre preparados para abandonar nosso arcabouço conceptual se nos sentirmos em condição de substituí-lo por algo que se aproxime mais de perto da realidade desconhecida. Portanto, tentemos corrigir algumas concepções que poderiam levar a mal-entendidos enquanto viamos os dois sistemas, no sentido mais literal e grosseiro, como duas localizações no aparelho anímico — concepções que deixaram vestígios nas expressões “recalcar” e “irromper” [ou “penetrar”, “durchdringen”]. Desse modo, podemos falar num pensamento inconsciente que procura transmitir-se para o pré-consciente, de maneira a poder então penetrar na consciência. O que temos em mente aqui não é a formação de um segundo pensamento situado num novo lugar, como uma transcrição que continuasse a existir junto com o original; e a noção de irromper na consciência deve manter-se cuidadosamente livre de qualquer idéia de uma mudança de localização. Do mesmo modo, podemos falar num pensamento pré-consciente que é recalçado ou desalojado e então acomodado pelo inconsciente. Essas imagens, derivadas de um conjunto de representações relacionadas com a disputa por um pedaço de terra, podem tentar-nos a supor como literalmente verdadeiro que um agrupamento psíquico situado numa dada localização é encerrado e substituído por um novo agrupamento em outro lugar. Substituamos essas metáforas por algo que parece corresponder melhor ao verdadeiro estado de coisas, e digamos, em vez disso, que uma catexia de energia é ligada a um determinado agrupamento psíquico ou retirada dele, de modo que a estrutura em questão cai sob a influência de uma dada instância ou é subtraída dela. O que fazemos aqui, mais uma vez, é substituir um modo tópico de representar as coisas por um modo dinâmico. O que consideramos móvel não é a própria estrutura psíquica, mas sua inervação.⁽¹⁾

(1) [Nota de rodapé acrescentada em 1925:] Tornou-se necessário elaborar e modificar esta visão, depois de se reconhecer que o traço essencial de uma representação pré-consciente é o fato de estar ela ligada a restos de representações de palavra. Cf. “O Inconsciente” (1915e [Seção VII]). Como ali assinalado, porém, isso já fora indicado na primeira edição da presente obra. (Ver págs. 522 e 558.) É também prenunciado no “Projeto” (1950a), Parte III, Seções 1 e 2.

Não obstante, considero conveniente e justificável continuar a fazer uso da imagem figurada dos dois sistemas. Podemos evitar qualquer possível abuso desse método de figuração lembrando que as representações, os pensamentos e as estruturas psíquicas em geral nunca devem ser encarados como localizados em elementos orgânicos do sistema nervoso, mas antes, por assim dizer, *entre* eles, onde as resistências e facilitações [Bahnungen] fornecem os correlatos correspondentes. Tudo o que pode ser objeto de nossa percepção interna é *virtual*, tal como a imagem produzida num telescópio pela passagem dos raios luminosos. Mas temos justificativas para presumir a existência dos sistemas (que de modo algum são entidades psíquicas e nunca podem ser acessíveis a nossa percepção psíquica), semelhante à das lentes do telescópio, que projetam a imagem. E, a continuarmos com esta analogia, podemos comparar a censura entre dois sistemas com a refração que ocorre quando o raio de luz passa para um novo meio.

Até agora, vimos fazendo psicologia por nossa própria conta. Já é tempo de considerarmos os pontos de vista teóricos que dominam a psicologia atual e examinarmos sua relação com nossas hipóteses. O problema do inconsciente na psicologia é, nas vigorosas palavras de Lipps (1897), menos *um* problema psicológico do que *o* problema da psicologia. Enquanto a psicologia lidou com esse problema através de uma explicação verbal no sentido de que “psíquico” significava “consciente”, e de que falar em “processos psíquicos inconscientes” era de um contra-senso palpável, qualquer avaliação psicológica das observações feitas pelos médicos sobre os estados psíquicos anormais estava fora de cogitação. Médico e filósofo só podem unir-se quando ambos reconhecerem que a expressão “processos psíquicos inconscientes” é “a expressão apropriada e justificada de um fato solidamente estabelecido”. Só resta ao médico encolher os ombros quando lhe asseguram que “a consciência é uma característica indispensável do psíquico”, e talvez, se ainda sentir respeito suficiente pelos enunciados dos filósofos, ele possa presumir que eles não estavam tratando da mesma coisa ou trabalhando na mesma ciência. É que até mesmo a única observação criteriosa da vida anímica de um neurótico, ou uma única análise de um sonho, terá que deixá-lo com a inabalável convicção de que os processos de pensamento mais complexos e mais racionais, aos quais decerto não se pode negar o nome de processos psíquicos, podem ocorrer sem excitar a consciência do sujeito.⁽¹⁾ É verdade que o médico não pode saber

(1) [Nota de rodapé acrescentada em 1914:] Sinto-me feliz em poder apontar um autor que tirou do estudo dos sonhos as mesmas conclusões que extraí sobre a relação entre a atividade consciente e a inconsciente. Du Prel (1885, 47) escreve: “O problema da natureza da alma exige, evidentemente, uma investigação preliminar para averiguar se consciência e alma são idênticas. Esta questão preliminar é negativamente respondida pelos sonhos, que mostram que o conceito de alma é mais amplo que o de consciência, da mesma forma que a força gravitacional de

desses processos inconscientes até eles produzirem na consciência algum efeito que possa ser comunicado ou observado. Mas esse efeito consciente pode exibir um caráter psíquico inteiramente diverso do caráter do processo inconsciente, de modo que não há como a percepção interna encarar um deles como substituto do outro. O médico deve sentir-se livre para avançar, por *inferência*, desde o efeito consciente até o processo psíquico inconsciente. Assim, ele se inteira de que o efeito consciente é apenas um resultado psíquico remoto do processo inconsciente, e de que este não se tornou consciente como tal; além disso, constata que este já estava presente e atuante, mesmo sem trair de nenhum modo sua existência para a consciência.

É essencial abandonar a supervalorização da propriedade do estar consciente para que se torne possível formar uma opinião correta da origem do psíquico. Nas palavras de Lipps [1897, 146 e seg.], deve-se pressupor que o inconsciente é a base geral da vida psíquica. O inconsciente é a esfera mais ampla, que inclui em si a esfera menor do consciente. Tudo o que é consciente tem um estágio preliminar inconsciente, ao passo que aquilo que é inconsciente pode permanecer nesse estágio e, não obstante, reclamar que lhe seja atribuído o valor pleno de um processo psíquico. O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; *em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o é o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos sensoriais.*

Agora que a velha antítese entre vida consciente e vida onírica foi reduzida a suas exatas proporções pelo estabelecimento da realidade psíquica inconsciente, uma série de problemas oníricos com que os autores anteriores se preocuparam profundamente perdeu sua importância. Assim, algumas das atividades cuja boa execução nos sonhos despertava assombro já não devem hoje ser atribuídas aos sonhos, mas sim ao pensamento inconsciente, que é tão ativo durante o dia quanto à noite. Se, como disse Scherner [1861, 134 e seg.], os sonhos parecem empenhar-se em fazer representações simbólicas do corpo [pág. 110], sabemos agora que essas representações são o produto de certas fantasias inconscientes (derivadas, provavelmente, de moções sexuais), que encontram expressão não apenas nos sonhos mas também nas fobias histéricas e outros sintomas. Se o sonho dá prosseguimento às atividades diurnas e as conclui, chegando até a trazer à luz idéias novas e valiosas, tudo o que precisamos fazer é despi-lo do disfarce onírico, que é o produto do trabalho do sonho e a marca do auxílio prestado por obscuras forças procedentes das profundezas da alma (cf. o Diabo no sonho

um corpo celeste se estende além de seu campo de luminosidade." E novamente (*ibid.*, 306 [citando Maudsley, 1868, 15]): "Uma verdade em que nunca se pode insistir com clareza demais é que a consciência não é co-extensiva à alma."

de Tartini com a sonata);⁽¹⁾ essa realização intelectual se deve às mesmas forças anímicas que produzem todos os resultados semelhantes durante o dia. É provável que também nos inclinemos muito a superestimar o caráter consciente da produção intelectual e artística. As comunicações que nos foram fornecidas por alguns dos homens mais altamente produtivos, como Goethe e Helmholtz, mostram, antes, que o que há de essencial e novo em suas criações lhes veio sem premeditação e como um todo quase pronto. Não há nada de estranho que, em outros casos em que se fez necessária uma concentração de todas as faculdades intelectuais, a atividade consciente também tenha contribuído com sua parcela. Mas é privilégio muito abusado a atividade consciente, sempre que tem alguma participação, ocultar de nós todas as demais atividades.

Mal valeria a pena tratarmos a importância histórica dos sonhos como um tópico separado. Talvez um sonho tenha impellido algum líder a se aventurar numa empreitada audaciosa cujo êxito modificou o curso da História. Mas isso só levanta um novo problema se o sonho for encarado como uma força estranha, em contraste com as outras forças mais familiares da alma; tal problema não persiste quando o sonho é reconhecido como uma *forma de expressão* de moções que se encontram sob a pressão da resistência durante o dia, mas que puderam, durante a noite, achar reforço em fontes de excitação situadas nas camadas profundas.⁽²⁾ O respeito conferido aos sonhos na Antiguidade, entretanto, baseia-se num discernimento psicológico correto e é a homenagem prestada às forças incontroladas e destrutíveis do espírito humano, ao poder "demoníaco" que produz o desejo onírico e que encontramos em ação em nosso inconsciente.

Não é sem intenção que falo em "nosso" inconsciente, pois o que assim descrevo não é a mesma coisa que o inconsciente dos filósofos ou mesmo o inconsciente de Lipps. Neles, esse termo é usado simplesmente para indicar um contraste com o consciente: a tese que eles contestam com tanto ardor e defendem com tanta energia é a tese de que, à parte os processos conscientes, há também processos psíquicos inconscientes. Lipps leva as coisas mais adiante, ao afirmar que a totalidade do psíquico existe inconscientemente e que parte dele existe também conscientemente. Mas não foi para estabelecer *esta* tese que invocamos os fenômenos dos sonhos e da formação dos sintomas histéricos; a simples observação da vida normal de vigília bastaria para provar isso fora de qualquer dúvida. A nova desco-

(1) [Diz-se que o compositor e violinista Tartini (1692-1770) sonhou ter vendido sua alma ao diabo, que então pegou um violino e nele executou uma sonata de requintada beleza, com habilidade consumada. Ao acordar, o compositor anotou imediatamente o que dela conseguiu lembrar, e o resultado foi seu famoso "Trillo del Diavolo".]

(2) [Nota de rodapé acrescentada em 1911:] Veja a esse respeito o sonho de Alexandre, o Grande, durante seu cerco de Tiro (σά-τυρος). [Ver pág. 122n2.]

berta que nos foi ensinada pela análise das formações psicopatológicas e do primeiro membro dessa classe — o sonho — reside no fato de que o inconsciente (isto é, o psíquico) é encontrado como uma função de dois sistemas separados, e de que isso acontece tanto na vida normal quanto na patológica. Portanto, há dois tipos de inconsciente, que ainda não foram distinguidos pelos psicólogos. Ambos são inconscientes no sentido empregado pela psicologia, mas, em nosso sentido, um deles, que denominamos de *Ics.*, é também *inadmissível à consciência*, enquanto ao outro chamamos *Pcs.*, porque suas excitações — depois de observarem certas regras, é verdade, e talvez apenas depois de passarem por uma nova censura, embora mesmo assim, sem consideração pelo *Ics.* — conseguem alcançar a consciência. O fato de, para chegarem à consciência, as excitações terem de atravessar uma seqüência fixa ou uma hierarquia de instâncias (o que nos é revelado pelas modificações nelas efetuadas pela censura) permitiu-nos construir uma analogia espacial. Descrevemos as relações dos dois sistemas entre si e com a consciência dizendo que o sistema *Pcs.* situa-se como uma tela entre o sistema *Ics.* e a consciência. O sistema *Pcs.* não apenas barra o acesso à consciência, mas também controla o acesso ao poder da motilidade voluntária e tem a seu dispor, para distribuição, uma energia de catexia móvel, parte da qual nos é familiar sob a forma de atenção.⁽¹⁾ [Ver pág. 538.]

Devemos também evitar a distinção entre “supraconsciente” e “subconsciente”, que se tornou tão popular na literatura mais recente sobre as psiconeuroses, pois tal distinção parece servir precisamente para enfatizar a equivalência entre o psíquico e o consciente.

Mas que papel resta em nosso esquema para a consciência, outrora tão onipotente e que ocultava tudo o mais? *Apenas o de um órgão sensorial para a percepção de qualidades psíquicas.*⁽²⁾ De acordo com as idéias subjacentes a nosso ensaio de um quadro esquemático, só podemos encarar a percepção consciente como a função própria de um determinado sistema e, para este, a abreviação *Cs.* parece apropriada. Em suas propriedades mecânicas, encaramos esse sistema como semelhante ao sistema perceptivo *Pcpt.*, ou seja, como suscetível à excitação por qualidades, mas incapaz de reter traços das alterações, isto é, sem memória. O aparelho psíquico, que se volta para o mundo exterior com seu órgão sensorial dos sistemas *Pcpt.*, é, ele próprio, o mundo externo em relação ao órgão sensorial da *Cs.*, cuja

(1) [Nota de rodapé acrescentada em 1914:] Cf. minhas observações sobre o conceito do inconsciente em psicanálise (Freud, 1912g), originalmente publicadas em inglês nas *Atas da Sociedade de Pesquisa Psíquica*, 26 [312], onde distingi os significados descritivo, dinâmico e sistemático da palavra altamente ambígua que é “inconsciente”. [Todo esse tema é discutido à luz das colocações posteriores de Freud no Capítulo 1 de *O Ego e o Id* (1923b).]

(2) [O emprego dos termos “quantidade” e “qualidade” por Freud é amplamente explicado na Parte I de seu “Projeto” (1950a).]

justificação teleológica reside nesta circunstância. Aqui encontramos mais uma vez o princípio da hierarquia das instâncias, que parece reger a estrutura do aparelho. O material excitatório afluí para o órgão sensorial da *Cs.* vindo de duas direções: do sistema *Pcpt.*, cuja excitação, determinada por qualidades, é provavelmente submetida a uma nova revisão antes de se converter numa sensação consciente, e do interior do próprio aparelho, cujos processos quantitativos são sentidos como uma série de qualidades de prazer-desprazer quando, sujeitos a certas modificações, penetram na consciência.

Os filósofos que se deram conta de que é possível haver formações de pensamento racionais e altamente complexas, sem que a consciência tenha qualquer participação nelas, tiveram dificuldade em atribuir qualquer função à consciência; pareceu-lhes que ela não podia ser mais do que uma imagem reflexa superflua do processo psíquico consumado. Nós, por outro lado, somos resgatados desse embaraço pela analogia existente entre nosso sistema *Cs.* e os sistemas perceptivos. Sabemos que a percepção por nossos órgãos sensoriais tem como resultado dirigir um investimento de atenção para as vias pelas quais se propaga a excitação sensorial adveniente: a excitação qualitativa do sistema *Pcpt.* atua como um regulador da descarga da quantidade móvel no aparelho psíquico. Podemos atribuir a mesma função ao órgão sensorial sobreposto do sistema *Cs.* Ao perceber novas qualidades, ele presta uma nova contribuição ao direcionamento das quantidades móveis de investimento e a sua distribuição de maneira conveniente. Com a ajuda de sua percepção de prazer e desprazer, ele influencia a circulação dos investimentos dentro do que, em outros aspectos, é um aparelho inconsciente que atua por meio dos deslocamentos de quantidades. Parece provável que, no começo, o princípio do desprazer regule automaticamente o deslocamento dos investimentos, mas é muito possível que a consciência dessas qualidades introduza, além disso, uma segunda regulação, mais discriminadora, que pode até opor-se à primeira e que aperfeiçoa a eficiência do aparelho, capacitando-o, em contradição com seu plano original, a investir e elaborar até mesmo aquilo que está associado à liberação de desprazer. A psicologia das neuroses nos ensina que esses processos de regulação efetuados pela excitação qualitativa dos órgãos sensoriais têm uma importante participação na atividade funcional do aparelho. O domínio automático do princípio primário do desprazer e a conseqüente restrição imposta à eficiência são interrompidos pelos processos de regulação sensorial, que, por sua vez, são também automatismos. Constatamos que o recalque (que, embora de início sirva a um propósito útil, acaba conduzindo a uma renúncia prejudicial à inibição e ao controle anímico) afeta muito mais facilmente as lembranças do que as percepções porque as primeiras não podem receber nenhum investimento extra advindo da excitação dos órgãos sensoriais psíquicos. É verdade, por um lado, que um pensamento que tem de ser rechaçado não se pode tornar consciente, por ter sofrido

do recalçamento, mas, por outro, às vezes um desses pensamentos só é recalçado por ter sido subtraído da percepção consciente em virtude de outras razões. Estas são indicações das quais tiramos proveito, em nosso procedimento terapêutico, para desfazer recalçamentos já consumados.

Em seu aspecto teleológico, não há melhor ilustração do valor da hipercatexia posta nas quantidades móveis pela influência reguladora do órgão sensorial da Cs. do que sua criação de uma nova série de qualidades e, conseqüentemente, de um novo processo de regulação que constitui a superioridade do homem sobre os animais. Os processos de pensamento, em si próprios, carecem de qualidade, exceto pelas excitações prazerosas e desprazerosas que os acompanham e que, em vista de seu possível efeito perturbador sobre o pensamento, têm de ser mantidas dentro de limites. Para que os processos de pensamento possam adquirir qualidades, eles se associam, nos seres humanos, com lembranças verbais, cujos resíduos de qualidade são suficientes para atrair para si a atenção da consciência e para dotar o processo de pensar de um novo investimento móvel oriundo da consciência. [Cf. págs. 522 e 552n.]

Toda a multiplicidade dos problemas da consciência só pode ser apreendida por uma análise dos processos de pensamento na histeria. Estes causam a impressão de que a transição de um investimento pré-consciente para um investimento consciente é marcada por uma censura semelhante à existente entre o *Ics.* e o *Pcs.*⁽¹⁾ Também essa censura só entra em vigor acima de certo limite quantitativo, de modo que as estruturas de pensamento de baixa intensidade lhe escapam. Toda sorte possível de exemplos de como um pensamento pode ser apartado da consciência ou irromper nela, dentro de certas limitações, encontram-se reunidos no arcabouço dos fenômenos psiconeuróticos, e todos apontam para as relações íntimas e recíprocas entre a censura e a consciência. Encerrarei estas reflexões psicológicas com um relato de dois desses exemplos.

Fui chamado em consulta, no ano passado, para examinar uma jovem inteligente e de aparência desembaraçada. Estava vestida de maneira surpreendente. É que, embora as roupas de uma mulher costumem ser criteriosamente cuidadas até o último detalhe, ela trazia uma das meias pendurada, e dois dos botões de sua blusa estavam desabotoados. Queixou-se de sentir dores na perna e, sem ser solicitada, expôs a panturrilha. Mas aquilo de que se queixava principalmente era, empregando suas próprias palavras, uma sensação no corpo, como se houvesse algo "enfiado nele", que se "mexia para frente e para trás" e que a "sacudia" de cima a baixo; às vezes, fazia todo o seu corpo ficar "teso". Meu colega médico, ali presente ao exame, olhou para mim; não teve dificuldade em compreender o significado

(1) [A censura entre o *Pcs.* e a *Cs.* raramente aparece nos trabalhos posteriores de Freud. Contudo, é amplamente discutida na Seção VI de seu artigo sobre "O Inconsciente" (1915e).]

da queixa da jovem. Mas o que a ambos nos pareceu extraordinário foi o fato de isso não significar nada para a mãe da paciente; ela própria deveria ter-se encontrado muitas vezes na situação que sua filha estava descrevendo. A própria moça não tinha noção do alcance de seus comentários, porque, se o tivesse, nunca os teria pronunciado. Nesse caso, fora possível lograr a censura levando-a a permitir que uma fantasia que normalmente seria mantida no pré-consciente emergisse na consciência sob o inocente disfarce da formulação de uma queixa.

Aqui temos outro exemplo: um rapaz de quatorze anos procurou-me para tratamento psicanalítico, sofrendo de um *tic convulsif*, vômitos histericos, dores de cabeça, etc. Comecei o tratamento assegurando-lhe que, se fechasse os olhos, ele veria imagens ou teria idéias que então me deveria comunicar. Respondeu por imagens. Sua última impressão antes de me procurar foi revivida visualmente em sua memória. Estivera jogando damas com o tio e via o tabuleiro em sua frente. Pensou em várias posições favoráveis ou desfavoráveis, e em jogadas que não deveriam ser feitas. Viu então um punhal sobre o tabuleiro — um objeto pertencente a seu pai, mas que sua imaginação colocara sobre o tabuleiro. Logo havia uma foice sobre o tabuleiro e, em seguida, uma alfange. Apareceu então a imagem de um velho camponês cortando a grama em frente à longínqua casa do paciente com uma alfange. Passados alguns dias, descobri o sentido dessa sucessão de imagens. O rapaz se afligira com uma situação familiar infeliz. Tinha um pai que era um homem duro, sujeito a acessos de cólera, infeliz no casamento com a mãe do rapaz e cujos métodos educacionais consistiam em ameaças. O pai se divorciara da mãe, mulher meiga e afetuosa, casara-se outra vez e um dia trouxera para casa uma moça que deveria ser a nova mãe do rapazinho. Foi nos primeiros dias depois disso que eclodiu a doença do rapaz de quatorze anos. Sua fúria sufocada contra o pai é que havia construído aquela seqüência de imagens, com suas alusões compreensíveis. O material para elas fora fornecido por uma recordação da mitologia. A foice era aquela com que Zeus castrara o pai; a alfange e a imagem do velho camponês representavam Cronos, o velho violento que devorara seus filhos e de quem Zeus se vingara de maneira tão pouco filial. [Ver pág. 252.] O casamento do pai dera ao rapaz a oportunidade de retribuir as censuras e ameaças que ouvira dele muito tempo antes, por brincar com seus órgãos genitais. (Cf. jogar [brincar com as] damas; as jogadas proibidas; o punhal que podia ser usado para matar.) Nesse caso, as lembranças recalçadas por muito tempo e seus derivados que haviam permanecido inconscientes é que se infiltraram na consciência por um caminho indireto, sob a forma de imagens aparentemente sem sentido.

Assim sendo, eu buscaria o valor *teórico* do estudo dos sonhos nas contribuições que ele faz ao conhecimento psicológico e no esclarecimento preliminar que traz aos problemas das psicoseiros. Quem poderá ima-

ginar a importância dos resultados passíveis de se obter através de uma compreensão completa da estrutura e das funções do aparelho anímico, se até o estado atual de nossos conhecimentos nos permite exercer uma influência terapêutica favorável sobre as formas curáveis de psicose? Mas, e quanto ao valor *prático desse estudo* — já posso ouvir a pergunta — como meio de se chegar a uma compreensão da alma, a uma revelação das características ocultas de cada um? Acaso as moções inconscientes expressas pelos sonhos não têm o peso de forças reais na vida anímica? Será que se deve fazer pouco da significação ética dos desejos suprimidos — desejos que, assim como levam aos sonhos, podem um dia levar a outras coisas?

Não me sinto autorizado a responder a essas perguntas. Não dediquei maior consideração a esse aspecto do problema dos sonhos. Penso, contudo, que o imperador romano estava errado ao mandar executar um de seus súditos por ter sonhado que estava assassinando o imperador. [Ver pág. 94.] Ele deveria ter começado por tentar descobrir o que significava o sonho; é muito provável que seu sentido não fosse o que parecia ser. E, mesmo que um sonho com outro conteúdo tivesse por sentido esse ato de lesa-majestade, acaso não seria acertado ter em mente o dito de Platão, de que o homem virtuoso se contenta em *sonhar* com o que o homem perverso realmente *faz* [pág. 94]? Penso, portanto, que o melhor é absolver os sonhos. Se devemos atribuir *realidade* aos desejos inconscientes, não sei dizer. Ela deve ser negada, naturalmente, a todos os pensamentos transitórios ou intermediários. Se olharmos para os desejos inconscientes, reduzidos a sua expressão mais fundamental e verdadeira, teremos de concluir, sem dúvida, que a realidade *psíquica* é uma forma especial de existência que não deve ser confundida com a realidade *material*.⁽¹⁾ Portanto, não parece haver justificativa para a relutância das pessoas em aceitarem a responsabilidade pela imoralidade de seus sonhos. Quando o modo de funcionamento do aparelho anímico é corretamente avaliado e se compreende a relação que há entre consciente e inconsciente, descobre-se que desaparece a maior parte daquilo que é eticamente objetável em nossa vida onírica e de fantasia. Nas palavras de Hanns Sachs [1912, 569]: “Se olharmos em nossa consciência para algo que nos foi dito por um sonho sobre uma situação contemporânea (real), não deveremos ficar surpresos ao descobrir que o monstro que vimos sob a lente de aumento da análise revela-se um minúsculo infusório.”

(1) [Essa frase não aparece na primeira edição. Em 1909, apareceu com a seguinte forma: “Se olharmos para os desejos inconscientes, reduzidos a sua expressão mais fundamental e verdadeira, teremos de lembrar-nos, sem dúvida, que também a realidade psíquica tem mais de uma forma de existência.” Em 1914, a frase apareceu pela primeira vez tal como está impressa no texto, exceto que a última palavra era “factual”, e não “material”, termo este que substituiu o anterior em 1919. — O restante desse parágrafo foi acrescentado em 1914. — Freud já traçara uma distinção entre “realidade de pensamento” e “realidade externa” na segunda edição da Parte III de seu “Projeto” (1950a).]

As ações e opiniões conscientemente expressas são, em geral, suficientes para a finalidade prática de julgar o caráter dos homens. As ações merecem ser consideradas antes e acima de tudo, pois muitos impulsos que irrompem na consciência são ainda reduzidos a nada pelas forças reais da vida anímica, antes de amadurecerem sob a forma de atos. Com efeito, tais impulsos muitas vezes não encontram nenhum obstáculo psíquico a seu progresso, exatamente porque o inconsciente tem certeza de que serão detidos em alguma outra etapa. De qualquer modo, é instrutivo tomar conhecimento do terreno tão revolvido de onde brotam orgulhosamente nossas virtudes. É muito raro a complexidade de um caráter humano, impelida de um lado para outro por forças dinâmicas, submeter-se a uma escolha entre alternativas simples, como levaria a crer nossa doutrina moral antiquada.⁽¹⁾

E quanto ao valor dos sonhos para nos dar conhecimento do futuro? Naturalmente, isso está fora de cogitação.⁽²⁾ [Cf. pág. 42n.] Mais certo seria dizer, em vez disso, que eles nos dão conhecimento do passado, pois os sonhos se originam do passado em todos os sentidos. Não obstante, a antiga crença de que os sonhos prevêem o futuro não é inteiramente desprovida de verdade. Afinal, ao retratarem nossos desejos como realizados, os sonhos decerto nos transportam para o futuro. Mas esse futuro, que o sonhador representa como presente, foi moldado por seu desejo indestrutível à imagem e semelhança do passado.

(1) [Esse tema volta a ser debatido em Freud, 1925i (Seção B).]

(2) [Apenas na edição de 1911, a seguinte nota de rodapé aparecia neste ponto: “O Professor Ernst Oppenheim, de Viena, mostrou-me, com base no material do folclore, que há uma classe de sonhos cujo significado profético foi abandonado até mesmo na crença popular, e cuja origem pode ser localizada, com perfeita correção, em desejos e necessidades surgidos durante o sono. Dentro em breve, ele fornecerá um relato pormenorizado desses sonhos, que em geral são narrados sob a forma de histórias cômicas.” — No início de 1911, D. E. Oppenheim, especialista em estudos clássicos e professor de uma escola secundária em Viena, colaborou com Freud na redação de um artigo sobre “Os Sonhos no Folclore” (Freud, 1957a). Este não foi publicado durante a vida dos autores, mas figura na Ed. *Standard*, Vol. XII, pág. 231, onde se encontrarão outros pormenores. Pouco depois, Oppenheim converteu-se num adepto de Adler e se retirou da Sociedade Psicanalítica de Viena, da qual fora membro por dois ou três anos.]